

Personagens diaspORIZADAS de José Eduardo Agualusa em *O ano em que Zumbi tomou o Rio*

Francisco José Sampaio Melo*

PUCRS



Os Estudos Culturais surgiram motivados por uma recusa do legitimismo, por um questionamento da hierarquização acadêmica dos objetos culturais. Eles se voltam sobre a suposta inconsistência da linguagem publicitária, dos programas de entretenimento veiculados pelo rádio ou televisão, das modas vestimentares, de acontecimentos da música popular ou da produção cinematográfica. Certos teóricos, inicialmente ligados às universidades inglesas, dedicam-se à investigação da denominada “cultura de massa”. Do núcleo marginal de pesquisa do meio universitário inglês, a partir de 1980, os Estudos Culturais expandem-se para outros países. Nessa expansão, os trabalhos atingem gradualmente as componentes culturais relacionadas ao “gênero”, à “etnicidade”, ao conjunto das práticas de consumo. Os Estudos Culturais continuam a se expandir e passam a englobar objetos como: consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo, literatura. Teóricos mais radicais reivindicam o estatuto de uma “antidisciplina” para poder combinar à vontade as contribuições e as reflexões advindas de saberes cruzados entre o erudito e o popular.

José Eduardo Agualusa, escritor angolano, que estreou, em literatura, com o livro *A conjura*, em 1989, publicou a obra *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, em 2002. Nesse romance, ele trata da ação de angolanos ligados a favelas e traficantes cariocas. Ambientado no Rio de Janeiro, o enredo gira em torno do ex-combatente angolano Francisco Palmares,

* Mestre em Letras. Doutorando em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Pesquisador do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da mesma Universidade.

que, devido à situação política de seu país, imigra para o Brasil. No Rio de Janeiro, Palmares dedica-se ao tráfico de armas para os bandidos dos morros cariocas. Ele as repassa aos líderes do tráfico de drogas Jararaca e Jacaré. Esses traficantes, inspirados na luta de Zumbi a favor da liberdade dos negros frente à dominação de uma elite branca, planejam uma invasão da capital fluminense pelos negros favelados.

Também foragido de Angola, veio o jornalista Euclides Matoso da Câmara, que reúne em si o fato de ser negro, anão e homossexual. O jornalista angolano defende a liberdade de expressão contra o abuso de poder. Apesar de uma divergência ideológica, Francisco Palmares se aproxima de Euclides na luta que eles empreendem contra o arbítrio das autoridades governamentais de Angola. Eles têm de desvencilhar-se do Comandante Monte, que veio daquele país africano com a missão de eliminá-los. No desfecho da narrativa, fracassa a tentativa de tomada da cidade do Rio de Janeiro pelos negros ligados ao tráfico de drogas. Os líderes da revolta nos morros cariocas Jararaca e Jacaré tombam mortos. Euclides vai para Lisboa. Palmares é procurado pela polícia carioca. Zumbi não tomou o Rio. E o Rio de Janeiro continua lindo, mesmo sem final feliz.

A recepção da crítica ao romance *O ano em que Zumbi tomou o Rio* não lhe foi muito favorável. Em Portugal, José Luiz Pires Laranjeira, no artigo intitulado *Vale tudo?*,¹ publicado no *Jornal de Letras*, repudia a obra por seu caráter mercadológico, ou seja, para o crítico português, o autor pretendia apenas chegar ao patamar de escritor “mais vendido”, seja em Angola, no Brasil ou em Portugal. Pires Laranjeira não vê, com bons olhos, o fato de Agualusa ridicularizar figuras e acontecimentos históricos de Angola, de fazer pouco da luta dos movimentos negros brasileiros e de valer-se da postura pós-moderna da distorção ideológica de fatos da História. Entre essas leituras históricas distorcidas, o professor coimbrão cita o Comandante Monte que, calcado numa figura real da história contemporânea de Angola (Comandante Monty), é objeto de difamação por ter sido focado somente em seus aspectos negativos.

Ainda na apreciação de Pires Laranjeira, a pouca importância que Agualusa concede à verossimilhança (coerência interna da história e das personagens) resulta numa obra mistificadora, na qual pululam inverossimilhanças, como a do chefe de polícia do Rio de Janeiro, Jorge Velho, aparecer no apartamento da pintora Anastácia,

¹ LARANJEIRA, José Luiz Pires. Vale tudo? *Jornal de Letras*, Lisboa, n. 828, p. 23, 26 jun. 2002.

de surpresa e desarmado, para falar com o amante dela, Jararaca, chefe de bandidos do Morro da Barriga e (auto)proclamado líder dos negros. Numa mistificadora concepção pós-modernista, o escritor angolano adota personalidades históricas e as transforma em personagens de ficção como artifício para instigar e intrigar o leitor. Esse é o caso de Zumbi dos Palmares, herói dos negros do Brasil, que aparece, como anuncia o título do romance, na expectativa de sair vitorioso na época contemporânea. Só que o novo Zumbi dos Palmares, angolano, ex-combatente da libertação nacional, filho de político, está comprometido com bandidos do tráfico de drogas dos morros cariocas, que planejam uma invasão armada do Rio de Janeiro.

A visão desmitologizadora de José Eduardo Agualusa é feita à custa de misturar personagens descendentes de personalidades históricas, com o fito de conduzir a narrativa para o divertimento e para a iconoclastia do prazer de confundir o leitor desprevenido de referências históricas. Por exemplo, Euclides Matoso da Câmara é neto de Eusébio de Queirós, figura importante do Brasil e de Angola, a quem se deve a extinção do tráfico de escravos africanos para o Brasil. O delegado de polícia do Rio de Janeiro, Jorge Velho, remete ao bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, responsável pelo extermínio do Quilombo dos Palmares e pela morte de Zumbi, no século XVII.

A intenção de embaralhar o histórico e o ficcional transparece nos nomes das personagens ou dos lugares mencionados no romance agualusiano. A título de exemplo, citamos Francisco Palmares, cujo sobrenome remete ao Quilombo dos Palmares; Anastácia Hadock Lobo é uma referência onomástica que amalgama tanto um nome recorrente em mulheres negras (Anastácia) como um sobrenome de uma tradicional família paulistana (Hadock Lobo). Alguns nomes são citados *à clef*, ou seja, o autor faz menção criptografada a pessoas e a situações reais, como, no caso do personagem Pedro Bueno e do Canal Planeta, uma possível alusão ao Pedro Bial e à Rede Globo. Segundo Pires Laranjeira, numa crítica ao romance de Agualusa, *historicamente, é preciso ter cuidado com estas "ficções", que, a todo o preço, procuram o cômico através de misturas fantasiosas e falaciosas, ditos hiperbólicos e manipulações de toda espécie.*²

Na crítica de Pires Laranjeira ao romance de Agualusa, o professor português avalia que certa ficção pós-moderna acredita que tudo pode ser alterado para escamotear e modificar fatos da História. Do mesmo modo, o processo de colagens, pastiches e paródias

² LARANJEIRA, op. cit., p. 23.

pós-modernistas permite a gozação com um célebre verso de Agostinho Neto (“sou aquele por quem se espera”), pondo-o na boca do cantor Jacaré, favelado e marginal, num momento em que se abortou a tomada do Rio de Janeiro, que fora planejada pelos negros pobres do Morro da Barriga. Esse divertimento pós-moderno permitiu ao autor citar versos tanto de poetas consagrados, tais como: Agostinho Neto, Olavo Bilac, Mário de Sá-Carneiro, Nuno Júdice e Ferreira Gullar, como também grupos musicais, compositores e cantores oriundos da música popular brasileira, a saber: Aldir Blanc, João Bosco, Martinho da Vila, Noel Rosa, MV Bill, Zeca Baleiro, Maria Bethânia. Ou, no terreno do puramente ficcional, o autor angolano menciona a poetisa Lídia do Carmo Ferreira, esta uma personagem de outro livro seu, intitulado *Estação das chuvas*.

Para Stuart Hall,³ existem dois termos que merecem uma conceituação mais específica dentro do campo dos Estudos Culturais. Esses termos são o que ele define por *multicultural* e *multiculturalismo*. O primeiro trata-se de um adjetivo e compreende “as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’” (p. 52). O segundo trata-se de um substantivo que se refere “às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais” (p. 52). No caso do romance de Agualusa, a sociedade retratada pode ser considerada “multicultural”, pois nela se cruzam identidades culturais tipicamente brasileiras e outras pertencentes a uma realidade estrangeira, representada pelos imigrantes angolanos, que se instalam nos morros cariocas e passam a interagir com a população favelada do local.

O multiculturalismo que Agualusa põe a circular em seu livro pode ser classificado como crítico ou “revolucionário”, já que o autor encarrega-se de focar o poder, o privilégio de uma certa elite econômica brasileira, bem como a hierarquia das opressões sofridas pelos que habitam o espaço das favelas cariocas (negros pobres, traficantes, imigrantes africanos etc.) e os movimentos de resistência dos favelados ante a situação de discriminação e exclusão social a que são submetidos cotidianamente. O Brasil é um país de reconhecida discrepância social; nele, há uma injusta distribuição de

³ HALL, Stuart. A questão multicultural. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p.51-100. As citações serão retiradas dessa edição, indicando-se, no texto, a página.

renda, com a conseqüente riqueza de poucos e a pobreza de muitos. Aos pobres, cabe uma vida de miséria nas favelas, sem oportunidade de inserção social e com o recurso à violência e ao crime como táticas de sobrevivência. A tudo isso, junta-se mais um agravante: a marginalização da população negra do país, que, saída da escravidão institucionalizada até o final do século XIX, nunca pôde participar efetivamente das conquistas econômicas e culturais geradas pelo desenvolvimento do país.

Em se tratando de Angola, o fim do velho sistema imperial europeu e as lutas pela descolonização e independência nacional, ocorridas na segunda metade do século XX, fomentaram um ambiente propício ao multiculturalismo. No início do processo de desmantelamento dos antigos impérios, criaram-se vários Estados-nação, multiétnicos e multiculturais, mas que, de alguma forma, continuaram submetidos às suas condições anteriores de existência sob o colonialismo. Esses novos estados caracterizam-se pelos seguintes aspectos: fragilidade econômica e militar; ausência de uma sociedade civil desenvolvida; limitação à primeira cartilha dos movimentos nacionalistas de independência; populações oriundas de uma variedade de tradições étnicas, culturais ou religiosas; culturas nativas, quando não totalmente destruídas pelo colonialismo, incapazes de fornecer a base para uma nova cultura nacional ou cívica; situação de subdesenvolvimento e de pobreza generalizada, agravada pelo contexto de desigualdade global e de ordem mundial econômica neoliberal não regulamentada. Nesse quadro desfavorável, países, como Angola, vivem sob permanente crise, que assume um caráter multicultural ou “eticizado”.

Conforme Stuart Hall, o “pós-colonial” caracteriza-se pela passagem de uma configuração histórica de poder para outra. Problemas típicos do período colonial, como a situação de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, prolongam-se no pós-colonial. Embora essas relações não venham mais sob o enfoque de uma desigualdade de poder e de exploração entre as sociedades colonizadoras e as colonizadas, agora elas se apresentam deslocadas e reencenadas sob a forma de lutas entre forças sociais nativas, sob a faceta de contradições internas, que geram uma série de desestabilização no interior da sociedade descolonizada, ou entre ela e o sistema global como um todo. Por exemplo, em Angola, a instabilidade do governo democrático e os contínuos problemas de legitimidade e estabilidade política têm origens claras em sua recente história de exploração imperialista.

Segundo Stuart Hall, a noção de “comunidade” abrange um *forte senso de identidade grupal* que se encontra entre minorias étnicas. Essas “minorias étnicas” têm formado verdadeiramente comunida-

des culturais, com intensa marca identitária e com costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, principalmente no que diz respeito à vida familiar e doméstica. Essas comunidades diaspóricas conseguem preservar elos de continuidade com seus locais de origem. É o que ocorre com os personagens angolanos do romance de Agualusa. Eles estão no Brasil, mas mantêm traços identitários com o país de origem, seja no sotaque que anuncia sua diferenciação dialetal, seja nas lutas intestinas que prolongam, em terras americanas, uma situação política característica daquele país africano.

Esses angolanos que são os protagonistas na obra de Agualusa provêm de misturas étnicas e raciais muito distintas e pertencem a diferentes campos da luta política que se desenrola naquele país da África. Eles representam grupos étnicos, religiosos e lingüísticos diferenciados e alimentam receios e memórias históricas díspares. Por exemplo, Francisco Palmares e Euclides Matoso da Câmara são refugiados políticos desde a tumultuada eleição, ocorrida em Angola, em 1992. Eles simulam sua própria morte e, em seguida, exilam-se no Brasil. O Comandante Monte é um representante do governo angolano, instalado após essas mesmas eleições de 1992. Monte vem ao Brasil a mando do governo do seu país para eliminar esses incômodos adversários políticos. Nos morros cariocas, eles passam a interagir com a realidade brasileira, sobretudo através do comércio de armas que Francisco Palmares realiza com os traficantes de drogas brasileiros.

Essa comunidade diaspórica de imigrantes angolanos, presentes no romance de Agualusa, conservam as formas de vida derivadas de suas culturas de origem e ditas “tradicional”, responsáveis pela manutenção de sua identidade primitiva de angolanos, embora estejam em permanente processo de interações cotidianas amplas com a vida social brasileira, principalmente no estrato marginal da população favelada dos morros cariocas. Essa manutenção de sua identidade angolana é importante para os diaspORIZADOS se compreenderem enquanto comunidade diferenciada dentro de um conjunto bem maior de pessoas. O fator da “negritude” é decisivo para a percepção de um laço identitário mais complexo que o fato de ser angolano. Eles são negros e, apesar da pertença a nacionalidades diversas, trazem um passado comum de exploração e de pobreza. Eles expressam certa fidelidade às “tradições” angolanas, ao mesmo tempo em que encaram como sua a luta do negro brasileiro por respeito e dignidade.

A comunidade diaspórica do livro de Agualusa elege uma “metrópole multicultural”, o Rio de Janeiro, como destino migratório. Essas cidades metropolitanas destacam-se por abrigar as comuni-

dades mais diversas sem tolhê-las no seu “senso de comunidade”. Nesses ambientes citadinos, que *são os significantes mais avançados da experiência metropolitana do pós-moderno urbano*,⁴ a identidade original comunitária pode ser exercida mesmo na interação que se verifica com os costumes e as tradições típicas de um grande aglomerado urbano. No Rio de Janeiro, os angolanos passam a ser mais um entre tantos. Eles habitam desde o requintado Hotel Glória, onde se encontra hospedado Francisco Palmares, até a área degradada dos morros, por onde transitam os marginalizados imigrantes angolanos, em associação intrínseca com os milhares de miseráveis brasileiros que por lá tentam sobreviver.

Na concepção de Stuart Hall, racismo é *a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão* (p. 69). O professor universitário inglês defende a existência de “duas lógicas” do racismo. Uma delas manifesta-se sob a forma do racismo biológico; a outra se efetiva sob a forma de discriminação cultural. A fusão que se dá entre os discursos de inferiorização biológica e cultural acaba por ser uma característica definidora do “momento multicultural”. Esse momento favorece tanto a “etnização de raça” diante da positividade da identificação cultural quanto a “racialização” da etnicidade diante de um significado mais violento, politizado e contestatário da diferença cultural. Surgem, na agenda do multiculturalismo, duas demandas políticas: a demanda por igualdade social e justiça racial e a demanda pelo reconhecimento da diferença cultural.

No romance agualusano, os líderes negros do Morro da Barriga defendem que a guerra deva descer das favelas e alcançar o asfalto, pois só assim poderão reconquistar o seu país, do qual foram injustamente excluídos. Suas demandas deverão ser atendidas às custas de violência e de morte. No entanto, o reconhecimento da diversidade cultural não se faz por imposição, mas pelo convívio multicultural. Daí o fracasso da tomada do Rio de Janeiro pelos guerreiros de Zumbi. Eles sucumbiram na armadilha que eles mesmos prepararam. O policial Jorge Velho, cujo nome se associa de imediato ao do exterminador de índios, de negros, do Quilombo dos Palmares e de Zumbi, aqui ironicamente tenta justificar a guerra racial, quando insiste em afirmar que *alguns de entre nós se descobriram negros porque não os deixam ser brasileiros*⁵ (p. 261). A racialidade emerge no momento em que se nega a etnicidade. Sem a “etnização da raça” só lhes resta a “racialização da etnia”.

⁴ HALL, op.cit., p. 67.

⁵ AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002. As citações serão retiradas dessa edição, indicando-se, no texto, a página.

Em condições diaspóricas, conforme Stuart Hall, as pessoas acabam por *adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas* (p. 76). Ele entende que, mesmo em identidades fortemente arraigadas a uma tradição cultural, o princípio da *heterogeneidade* continua a operar intensamente. No livro de Agualusa, as personagens procedentes de Angola são o que Stuart Hall denomina de “hibridizadas” ou “diasporizadas”. Euclides Matoso da Câmara, jornalista angolano que vive a condição de exilado no Rio de Janeiro, sente-se um ser entrecruzado pelas culturas tanto angolana quanto brasileira. Ele chega a confessar que viveu mais tempo em Angola do que no Brasil, mas hoje nem sabe bem dizer a que chão ele pertence. Além da identificação com uma determinada nacionalidade, Euclides reúne em si uma tríplice identidade que remete a segmentos sociais minoritários: ele é negro, anão e homossexual. Entretanto, esses elementos identitários típicos de uma minoria soam positivos para ele: ele sabe conviver com a discriminação de natureza racial, sexual ou física; ele não se sente constrangido por pertencer a esses grupos sob os quais recai invariavelmente uma série de preconceitos e restrições sociais.

Na visão de Stuart Hall, *as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da ‘différance’ em sua própria constituição* (p. 83). Para ele, *todos nós nos originamos e falamos a partir de “algum lugar”* (p. 83), ou seja, somos seres de um determinado local, pertencentes a uma certa etnia, pois *nós só podemos pensar “dentro de uma tradição”* (p. 83). Por exemplo, no romance de Agualusa, o jornalista Euclides Matoso da Câmara percebe o mundo a partir de sua ótica particular, na qual se insere o fato de ser negro, homossexual, anão e migrante angolano. Francisco Palmares vê tudo sob o ângulo do ex-combatente das guerras coloniais, nas quais lutou pela independência de Angola frente ao governo imperialista português. No Rio de Janeiro, ele trafica armas para os bandidos do Morro da Barriga, pois deseja que os negros façam também sua revolução. Jararaca e Jacaré são traficantes de drogas dos morros cariocas e acreditam na luta armada como estratégia para vencer a opressão de uma elite brasileira, que teima em ignorá-los sistematicamente.

Stuart Hall alerta para o perigo da absolutização dos valores distintivos da “comunidade” em detrimento de um diálogo permanente com os demais valores que compõem o espectro cultural. Essa “etnicidade absolutista” pode conduzir à violência. Esse mergulho na etnicidade enfatiza a diferença cultural, ressalta os binarismos raciais, que se apresentam congelados no tempo e no espaço, e leva ao cerceamento da diferença. Para se contrapor ao risco do exagero

eticista, é necessário que se estabeleça uma política multicultural em que se adotem duas posturas básicas: primeiramente, o compromisso com práticas democráticas da vida social; segundo, a denúncia de qualquer atitude de exclusão racial ou étnica. Na obra de Agualusa, o reforço na prática excludente do Comando Negro desencadeou uma onda de violência, que, em vez de descer morro abaixo, subiu morro acima para infelicidade dos líderes negros da operação. Esse choque racial agravou as diferenças culturais e acabou por acentuar a discriminação dos negros pobres pelos demais estratos sociais.

O romance de Agualusa centra-se em dois grupos de marginalizados, quais sejam: os pobres favelados dos morros do Rio de Janeiro e os imigrantes angolanos, que, fugidos da opressão política em seu país, refugiam-se nas favelas cariocas, onde passam a combater ao lado dos favelados brasileiros, afinal, vivemos um tempo da globalização da miséria, de nivelamento por baixo. Os morros do Rio de Janeiro funcionam como um espaço onde se desenvolve uma resistência à cultura hegemônica, de caráter impositivo e de aniquilamento de tradições culturais populares. Nesse ambiente, surgem outras vozes. É o que acontece com a personagem denominada Jacaré. Ele canta *rap*, estilo musical identificado com os grupos de negros que moram em favelas ou nas periferias das grandes cidades. Ele é autor da música intitulada *Preto de Nascimento*, um libelo contra o conformismo dos negros a um mundo que se mostra extremamente hostil a eles e a sua expressão cultural. O *rap* de Jacaré constitui um momento de debate da situação do negro brasileiro. Jacaré é a voz que clama no morro pela igualdade racial.

Os Estudos Culturais têm privilegiado, em sua abordagem, as classes populares. A cultura de massa até então desprezada pela Academia é objeto de investigação dos teóricos dos Estudos Culturais. Na leitura que esses estudiosos fazem das obras literárias, o debate gira em torno dos setores marginalizados da sociedade, das minorias, das manifestações populares ou dos fenômenos midiáticos de largo alcance junto à população. No romance de José Eduardo Agualusa, entrecruzam-se os marginalizados sociais, representados pelos favelados cariocas e os marginalizados políticos, representados pelos migrantes angolanos. Com suas personagens, o autor promove uma salada multicultural, na qual ele também se insere pelo trânsito livre entre tantas culturas, desde a de origem, ou seja, a angolana, até a brasileira e a portuguesa. Ele sabe da importância de ser multicultural, quando se quer tudo globalizar. Ele soube pôr Angola a dialogar com o Brasil no que esses dois países têm de fundamental: a palavra do povo. Se Zumbi tomou o Rio, Agualusa tomou o mundo.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. *O ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 51-100.

LARANJEIRA, José Luiz Pires. Vale tudo? *Jornal de Letras*, Lisboa, n. 828, p. 23, 26 jun. 2002.